

# APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO: “COSMOLOGIA, PESSOA E GÊNERO”

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves<sup>4</sup>

Daniella Santos Alves<sup>5</sup>

Neste dossiê, nos propomos a reunir textos que falem ou deixem falar através de sua própria economia de imagens/conceitos êmicos sobre a noção de pessoa em diálogo com as formulações de gênero. Aqui, se vinculam não apenas trabalhos no campo da etnologia indígena, mas também buscamos navegar nas/pelas experiências de transformação da pessoa e do gênero em contextos urbanos e indígenas, nas suas mais diversas manifestações: desde atos de captura pelo outro, transformação humano/animal, predação da diferença até as práticas rituais de religiosidade e no xamanismo ameríndio. Interessa-nos compreender como a pessoa é construída e refeita mediante certas práticas e em contextos relacionais distintos.

Como resultado, os oitos textos que reunidos no dossiê que compõe a presente edição da Revista Wamon abordam principalmente os corpos, aspecto êmico que amarra povos de diferentes localizações etnográficas na Mesoamérica e nas terras baixas: as práticas de cuidado num caso de adoecimento e abandono entre as comadres nahua na Serra Norte de Puebla (México); a construção da pessoa através de resguardos, nominação e fixação da alma no corpo entre os Assuriní no Pará; o preparo intracorpóreo e os treinos diários para formar as cantoras e cantores dos povos timbira no Tocantins e Maranhão; o relato mítico-cotidiano de manejo dos ânimos no plantio das roças entre as mulheres kawaiwete-kaiabi no Xingu (Mato Grosso); e o fazer político e gênero entre os Kaiowá (Mato Grosso do Sul) a partir das andanças do casal demiúrgico *Ñande Ramõi e Ñande Jarý*.

Além destes cinco textos que articulam as narrativas êmicas com a literatura etnológica pela etnografia, há três artigos que partem de contextos de contato: quando os espíritos *xapiri* dos Yanomami se imiscuem ao acervo de nossas bibliotecas e alertam para o futuro, contudo persiste a dúvida: será que no cenário atual de pandemia e mortes diárias pelo COVID-19, estamos prontos para ouvir e levar a sério a mensagem de Davi Kopenawa em “A queda do céu”? Noutro artigo, o tema é sobre o encontro-encantaria entre o boi-bumbá Caprichoso com às águas dos rios Negro e Solimões através do corpo híbrido de Dinahi, ser metade serpente/metade mulher que se performatiza no Festival de Parintins (Amazonas). Já no Triângulo Mineiro, vemos o complexo funerário dos Jê Meridionais, com ênfase no etnônimo Cayapó, a partir de um olhar etnohistórico sobre este povo que habitava o Sertão da Farinha Podre (MG).

A diversidade de lugares e contextos indígenas que vai desde Puebla, no México, até povos habitantes do centro-sul do Brasil, se desdobra também na formação e filiação institucional das/os autoras/es. Contamos nesse dossiê com autoria de: três doutores/a em Antropologia (UFSC, UFAM, Unicamp); um doutoran-

---

<sup>4</sup> Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

<sup>5</sup> Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

do em Educação (UFAM); três estudantes de doutorado em Antropologia (UFPA, USP, UFSC); dois mestres (Artes Visuais/UFBA; Ciências Sociais/UFU) e uma mestranda em Antropologia Social (UnB).

A diversidade de textos que recebemos nos propiciou organizar uma coletânea compósita em termos de autorias e coletivos indígenas. Ao mesmo tempo que se inscreve lugares/pessoas em certas fixações através dessa breve introdução, salientamos que elas são efêmeras, provisórias num certo sentido. Tanto as/os pesquisadoras/es, quanto os coletivos com quem elas/eles mantiveram interlocução, amiúde, circularam por mais de um lugar. Talvez seja este um dos aprendizados que os povos indígenas legaram a antropologia: aprender a se deslocar, a circular, a instabilizar a totalização possível dos esquemas teóricos, a fazer coivara de nossos etnocentrismos, a preparar o corpo para a apreensão de subjetividades que as matas e bibliotecas<sup>6</sup>, por vezes, efetuam.

Em setembro de 2019, ao propor este dossiê junto à Wamon, partíamos de uma questão de fundo: desdobrar a crítica aos binarismos (natureza e cultura; masculino e feminino) na antropologia (VIVEIROS DE CASTRO, 2015; STRATHERN, 2017; WAGNER, 2017), ligando campos e artefatos conceituais, muitas vezes, desconexos entre si pela fragmentação das linhas de pesquisa nas universidades. “Cosmologia, pessoa e gênero” é uma aposta relacional. O que a análise das submissões e a literatura antropológica que os artigos mobilizavam nos mostrou é que a nossa proposta guardava relação com dois dossiês amplamente citados – e porque não dizer já canônicos no campo da etnologia indígena e gênero nas terras baixas: “Mulheres indígenas” coordenado por Bruna Franchetto (1999) na *Revista Estudos Feministas* (UFSC) e “O estudo da sexualidade na etnologia” organizado por Luisa Belaunde (2015) na *Cadernos de Campo* (USP).

Alguns anos antes da tradução para o português do livro *The gender of the gift* de Marilyn Strathern pela editora da Unicamp (2006 [1988]), etnólogas como Cristiane Lasmar (1999; 2005), Cecília McCallum (1999; 2013), Vanessa Lea (1999; 2015) já debatiam o gênero não necessariamente enfeixando-o na clássica divisão sexual do trabalho entre os povos indígenas. Aliás, diga-se de passagem, a recepção das teorias do Atlântico Norte nas terras baixas nos conduz a problemas adicionais: as cosmologias, enquanto mecanismo de aliança e produção de coletivos indígenas, podem perturbar a modulação da pessoa entre os ameríndios? A casa dos homens, por vezes, converte-se em torre panóptica da aldeia? O segundo dossiê, por sua vez, é ressonância desse campo de debate; trata-se de um seminário realizado no Museu Nacional/UF RJ em 2015: *Foucault na Amazônia? Sexualidades indígenas*, que redundou na publicação da coletânea de Belaunde.

Nas terras baixas, o “complexo das flautas sagradas” é uma boa chave de entrada na intersecção entre gênero e etnologia indígena, por ser um fenômeno etnograficamente registrado na literatura do Xingu, mas também com recorrências na Melanésia, na Amazônia e noutras regiões do mundo (PIE DADE, 2004; MELLO, 2005). As flautas sagradas falam da interdição masculina às mulheres de manipular os instrumentos de sopro contidos na casa dos homens. As Kuikuro, por exemplo, devem manter-se dentro de suas habitações, longe da casa das flautas, quando a manipulação dos instrumentos esteja sendo executada. Mesmo em repouso, é vedada a elas ver ou tocar nas flautas, sob pena de ameaça dos espíritos e violação ritual pelos homens. O irromper do som desencadeia uma atmosfera solene e ameaçadora entre os sexos tanto no silêncio feminino, quanto no ecoar masculino das flautas passando pelo pátio até as janelas e portas fechadas das casas do entorno, onde ouvem as mulheres. Eventualmente, uma das anciãs kuikuro sussurra deboches durante os cantos *egy igisy*, em que os homens falam dos cheiros e perigos do sexo feminino. Elas, em troca, zombam da fraqueza do pênis que desmaia depois de rijo (FRANCHETTO, 1996).

O controle masculino das flautas transpõe esta questão de amplo alcance no Alto Xingu em termos da dominância masculina atual e mito do matriarcado primitivo. A festa das *Jamurikumalu* retoma

---

<sup>6</sup> Vide, por exemplo, comparação do interlocutor de Mauro Almeida (2013) entre a biblioteca da Unicamp e a existência de *Caipora* na mata

o mito que coexiste, por assim dizer, em imanência no e pelo ritual *kuikuro*, no qual são as mulheres as verdadeiras detentoras do saber e cantos das flautas. Sempre que alguém é afligido pelos poderes e dardos dos espíritos (os *itseke*), se realiza uma festa com duração de um dia, mas que demanda meses no preparo das roças, ensaio das danças, contraprestações de cantos de modo a dissociar a pessoa acometida do *itseke*, domesticando-o e marcando sua partida.

Entre os Wauja, povo aruak também habitante do Alto Xingu, há uma espécie de aliança entre o doente e um determinado *apapaatai*, ser que roubou a alma (*paapitsi*) da pessoa. A organização de uma festa com as canções *iamurikuma* cumpre com o desiderato de deixar este *apapaatai* alegre de forma que se desvincule da *paapitsi* do doente e se transforme num aliado dele frente a outros *apapaatai*. A exclusividade feminina da execução dos cantos *iamurikuma* é um revide das mulheres wauja ao controle das flautas pelos homens (MELLO, 2005). Não é fortuito que Menezes Bastos (1990) designe a casa dos homens como “máquina de guerra” dos povos xinguanos, pois além de conter dentro de si as flautas e outros artefatos estratégicos (trocanos, zunidores e máscaras), ela ocupa o pátio central das aldeias wauja, lugar dos segredos masculinos, interdito aos olhares femininos.

Por outro lado, *iamurikuma* conta-nos como as mulheres dão o troco nos homens wauja, festa musical com a guerra [dos sexos] à contraluz (PERRONE-MOISÉS, 2015), ritual e aliança com os *apapaatai*, transformando-se elas mesmas em *apapaatai* no rito/mito e capturando aliadas/os em outras aldeias por meio de viagens catabáticas<sup>7</sup>. Nessas caminhadas subterrâneas, as mulheres wauja exploram o próprio limite do cosmos, dos seres, das metamorfoses, atravessam o fim do céu (*enatuku*) e o caminho dos mortos (*iakunapu*), estabelecendo, para além desses mundos, uma aldeia das *iamurikuma*, lugar proibido aos homens, universo onde viviam apenas as mulheres junto a outras, transformando-se em guerreiras as *iamurikuma* amputaram o seio direito para controlarem com destreza o arco e flecha (MELLO, 2005).

Como bem adverte Maria Ignez Mello (2005), a transformação das mulheres wauja em *apapaatai* através da catábase não é de modo algum correlata à masculinidade. Pelo contrário, elas exacerbam uma diferença radical, um antagonismo irreduzível como diria Bruna Franchetto (1996), um lugar sinuoso entre a ambiguidade sexual e a hipersexualidade dos *itseke*. Eis aqui um ponto de desdobramento entre as Wauja e as concepções ameríndias: “o ambíguo de não ser mais mulher nem homem, o encontro do masculino e do feminino em um ser único” (MELLO, 2005, p. 137). É algo próximo ao que Franchetto afirma para as *Kuikuro*, sendo que a casca de pequi ocupa lugar homólogo ao dos cantos *iamurikuma* e a mastectomia mítica entre as Wauja:

As *Jamurikumu* rompem a aliança, se afastam definitivamente, eliminam no exterior e absorvem no interior, a seu modo, a diferença, o masculino. Elas são seres hermafroditas. Os clitóris se transformam em pênis. Esfregando-se com casca de pequi, intensificam seu cheiro vaginal na superfície de todo o corpo. Apoderam-se das insígnias masculinas; neutralizam todas as proibições, não somente sexuais (as flautas *kagutu*) como também as que atingem todos os indivíduos em sociedade (FRANCHETTO, 1996, p. 54).

Pensando na dialética sem síntese, ou melhor, na síntese disjuntiva entre os termos de relação no pensamento ameríndio, em que a dualidade é internamente instável (LÉVI-STRAUSS, 1993), proliferando as diferenças entre as oposições ao invés de englobá-las numa fórmula totalizante. Aliás, o que as mulheres *kuikuro* e wauja nos ensinam pelas palavras de Franchetto e Mello, respectivamente, é a negação da tota-

---

<sup>7</sup> Relativo à catábase, no sentido de “exploração dos limites da sociedade” (MELLO, 2005: 136) por meio de viagens ao subterrâneo.

lidade. Não se trata aqui de substituir a casa das flautas pelas canções femininas, fazendo as *Jamurikumalu* e as *iamurikuma* serem lidas pelo idioma da complementaridade, do agenciamento pleno, invertendo a “velha gangorra da dominação” e evitando o “fantasma do matriarcado” na antropologia (LEA, 1999), mas sim em perceber quais são as categorias e práticas indígenas, para além do nosso próprio vocabulário ocidental, que circunscrevem e produzem as relações entre os viventes: “aquilo que está sendo recortado não é somente o chão da aldeia, mas o universo inteiro; é um modelo que remete simultaneamente à organização social e à cosmologia” (LEA, 1999, p. 181).

A indissociabilidade do corpo de conceitos ameríndios face ao conceito dos corpos físicos é um gradiente filosófico relevante nas terras baixas da América do Sul. O corpo enquanto morfologia física distintiva não determina, de antemão, o que vem a ser a pessoa e esta, por sua vez, não conjuga em si a plenitude daquele (SEEGER; DAMATTA; VIVEIROS DE CASTRO, 1979). Há uma instabilidade intensa que impede ao infante de carne e osso de ser integralmente uma *pessoa*; escarificações, perfurações de orelha, práticas de nominação e substâncias transformativas, como a casca de pequi entre as Wauja, vão perfilando um novo feixe de habilidades nele, sempre inaudito, a ser revisto, reconstruído, afinal a captura da almas, enfeitiçamento na mata, vendetas xamânicas e o *quebranto* das idas à cidade alteram pessoas/corpos.

Abrindo nosso dossiê, temos o artigo intitulado “Política em desequilíbrio perpétuo: considerações sobre relações de gênero e geracionais na política e na moralidade kaiowá” de Diógenes Cariaga. O autor é doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e foi um dos participantes no seminário supracitado de sexualidades indígenas (CARIAGA, 2015). Ele nos relata as narrativas do casal *Ñande Ramõi* (“Nosso Avô”) e *Ñande Jarý* (“Nossa Avó”), bem como de seus filhos gêmeos *Kwarahy* (“Sol”) e *Jasy* (“Lua”), o que permite tecer algumas considerações a respeito das formas de prestígio, gênero e o fazer político dos Kaiowá. Cariaga dá ênfase nas relações e diferenças constituídas através da expansão e transformação do cosmo pela agência do casal demiúrgico. Destarte, não se trata de um simples desenrolar da vida cotidiana, mas sim na conexão imanente entre cosmologia e ação política. Lígia Raquel Rodrigues Soares, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e Odair Giraldin, doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), apresenta-nos: “Da prática ao pátio: performances e gênero nos processos de ensino e aprendizagem dos cantos timbira”. O artigo remete à importância do cantar enquanto uma centralidade no modo de ser timbira, o que justifica tanto a escuta dos ensinamentos dos mestres quanto a constância dos resguardos. Mediado por restrições alimentares e sexuais, ocorre a construção de um conhecimento intracorporal que recorta o cotidiano e a vida das/os aprendizes.

No terceiro artigo – “O cuidado das comadres: gênero e semelhança num contexto nahua” – Lucas da Costa Maciel, doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), descreve as práticas de cuidado entre os Nahua da Serra Norte de Puebla. O pano de fundo da narrativa no qual se entreabre as interlocuções etnográficas é o fim do relacionamento de Mario com um *gringo*. Daí provém as análises de Maciel sobre o duplo da pessoa e a instabilidade das ondas de calor e resfriamento nos corpos. Partindo do adoecimento da comadre, o autor relata como a noção de cuidado emerge enquanto um eixo formador de semelhança no mundo nahua. Em específico, trata do caso das comadres, as *siuatamatik*, mulheres (*siuat*) que já foram homens (*takat*) e estabelecem entre si relações de parentesco.

“Aprendendo a ouvir as mulheres kawaiwete-kaiabi: um breve relato etnográfico”, quarto artigo do dossiê, é escrito por Jéssica Zaramella, mestrandia em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Com o trabalho de campo na aldeia Samaúma, região do Baixo Rio Xingu (Mato Grosso), a autora discorre como as mulheres kawaiwete-kaiabi abrem e cuidam dos roçados. Não se trata de pensar a roça apenas como uma atividade de subsistência, vai além. A análise percorre as múltiplas maneiras que as mu-

lheres fazem e potencializam seus modos de se relacionar entre si, com o coletivo e com os seres. A história de Kupeirup, ponto alto da narrativa, adensa a compreensão da agência feminina, plantio e alimentação entre os Kawaiwete-Kaiabi.

“Corpo e pessoa assuriní: práticas de resguardo na aldeia indígena Trocará” é de autoria de Bárbara de Nazaré Pantoja Ribeiro, doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). A autora acentua como nessa localidade a produção de corpos e pessoas está ligada ao gênero, logo para que um/a assuriní faça parte do mundo social, ainda no útero da mãe, ele/a passa por uma série de restrições e regras que estendem também ao seu sistema de parentesco. Através dos resguardos é que se firma a pessoa-humana no mundo dos vivos, sendo que a morte marca a ida à Tupana – morada dos mortos.

Adan Renê Pereira da Silva, doutorando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e de Ericky Nakanome, mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) refletem sobre o feminino em “Do encontro das águas, Dinahi”, o sexto artigo do dossiê. A partir do Festival Folclórico de Parintins, os autores buscam aproximar a construção de gênero da cultura indígena na região do Baixo Solimões (Amazonas) com a performance da festa. Assim, Silva e Nakanome descrevem parte da apresentação do boi-bumbá Caprichoso no festival de 2019 no qual vem em cena Dinahi, ser da cultura manaó, também conhecida como mãe d’água e mulher-cobra. O corpo híbrido de Dinahi é repensado pelo conceito de gênero em Butler e a partir do perspectivismo ameríndio.

Os seis primeiros artigos finalizam um eixo do dossiê voltado a trabalhos com interlocuções teórico-etnográficas. Os dois últimos textos compõem uma breve seção de ensaios teóricos. Tayná Bonfim, mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), assina o texto: “Da sociedade dos vivos à sociedade dos mortos: urnas mortuárias e dinâmicas transformativas no ‘sertão do Gentio Cayapó’ – séc. XVIII e XIX”. Bonfim articula os interesses da etnologia com a história indígena, analisando a presença de uma urna mortuária dos povos jês meridionais, encontrada no século XVIII, na região que hoje compreende o Triângulo Mineiro. Para interpretar este artefato, a autora recorre à sociocosmologia bororo afim de olhar para o passado e entender as dinâmicas sociais e simbólicas produzidas pelo enterramento da urna.

Por fim, contamos com o ensaio teórico de Alberto Luiz de Andrade Neto, doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em “Como amarrar o céu com firmeza?”, o autor analisa os diálogos cerimoniais (*hiimuu*, *wayamuu* e *yāimuu*) e os discursos *hereamuu* yanomami contidos no livro “A queda do céu” de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Andrade Neto direciona a sua interpretação para os sonhos e a escuta alternativa como maneiras de resistir às insidiosas práticas não indígenas que persistem em assolar os povos habitantes da floresta.

Agradecemos às autoras e aos autores pela confiança e colaboração sem a qual este volume não seria possível. À Eriki Aleixo e Diego Omar da Silveira e as/os demais integrantes da comissão editorial da Wamon pelo apoio constante em todo processo. Desejamos a todas/os uma auspiciosa leitura do dossiê “Cosmologia, pessoa e gênero”!

## Referências

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. “Caipora e outros conflitos ontológicos”. In: RAU – *Revista de Antropologia da UFSCar*. São Carlos: UFSCar, v. 5, n. 1, 2013. pp. 07-28.

BELAUNDE, Luisa Elvira. 2015. “O estudo da sexualidade na etnologia”. In: *Cadernos de Campo* (USP). São Paulo: USP, v. 24, n. 24, 2015. pp. 399-411.



CARIAGA, Diógenes Egídio. “Gênero e sexualidades indígenas: alguns aspectos das transformações nas relações a partir dos Kaiowá no Mato Grosso do Sul”. In: *Cadernos de Campo* (USP). São Paulo: USP, v. 24, n. 24, 2015. pp. 441-464.

FRANCHETTO, Bruna. 1996. “Mulheres entre os Kuikúro”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, n. 1, 1996, pp. 35-54.

FRANCHETTO, Bruna. “Apresentação Dossiê Mulheres indígenas”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 1 e 2, 1999. pp. 141-142.

LASMAR, Cristiane. 1999. “Mulheres indígenas: representações”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 1 e 2, 1999. pp. 143-156.

LASMAR, Cristiane. *De volta ao lago de leite: gênero e transformação no Alto Rio Negro*. São Paulo: Editora UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.

LEA, Vanessa Rosemary. “Desnaturalizando gênero na sociedade mebengôkre”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 1 e 2, 1999. pp. 176-194.

LEA, Vanessa Rosemary. “Foucault (parcialmente) vindicado no Brasil central: sexualidade como um dos fundamentos da vida”. In: *Cadernos de Campo* (USP). São Paulo: USP, v. 24, n. 24, 2015. 427-440.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *História de Lince*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

MCCALLUM, Cecília. “Aquisição de gênero e habilidades produtivas: o caso kaxinawá”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 7, n. 1 e 2, 1999. pp. 157-194.

MCCALLUM, Cecília. “Nota sobre as categorias ‘gênero’ e ‘sexualidade’ e os povos indígenas”. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP, v. 41, 2013. pp. 53-61.

MELLO, Maria Ignez Cruz. *Iamurikuma: música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu*. Tese (doutorado em Antropologia Social). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. *A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*. Tese (doutorado em Ciência Social – Antropologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1990.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. *Festa e guerra*. Tese (livre-docência em Etnologia Indígena). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de Camargo. 2004. *O canto do Kawoká: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do Alto Xingu*. Florianópolis-SC: Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

SEEGER, Anthony; DAMATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. In: *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n. 32, 1979. pp. 02-19.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2006 [1988].

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.